

CURTA A NATUREZA PRATICANDO MONTANHISMO

IMPRESSO

GRUPO EXCURSIONISTA AGULHAS NEGRAS - GEAN Fundado em 20 de outubro de 1962 Reconhecido como de Utilidade Pública Filiado a FEMERJ Acordo de Cooperação Técnica com o PNI	Rua do Rosário, 1442 – Sala 7 Manejo – Resende/RJ CEP 27520-072 Reuniões gerais: Vide programação www.grupogean.com grupogean@yahoo.com.br
Este boletim é uma publicação destinada aos associados do GEAN e a todo o excursionismo brasileiro. As matérias aqui publicadas não representam necessariamente a posição oficial desta entidade. O GEAN não se responsabiliza pela má interpretação dos artigos aqui contidos, nem pelo uso ou mau uso deles. O GEAN não se responsabiliza por acidentes ocorridos durante as excursões. O boletim é um espaço aberto a todos que queiram contribuir. A reprodução do conteúdo deste boletim pode ser feita, desde que mencionado o nome do GEAN, o mês e autor.	

Parabéns aos Aniversariantes!

Novembro

- 10 – José Ricardo Maia de Siqueira
- 17 – Miguel Correia Martins – S.Hon.
- 19 - Carlos Eduardo Zikan – S.Benem.

Dezembro

- 01 – Anderson Roberto Vargas
- 05 - Cleiton Machado da Silva
- 20 - Igor Ramos Spanner
- 31 – Eugênio de Godoy Machado

Nosso clube sobrevive, principalmente, com a sua mensalidade, sendo importante para o GEAN que o sócio a mantenha em dia.

Na etiqueta do Boletim consta a sua situação : C(número) = crédito , D(número) = Débito. Lembre-se: com 6(seis) mensalidades em atraso o associado será desligado do quadro social.

Nas excursões, ao sócio em atraso será cobrada a taxa de não sócio.

Mensalidades e Taxas

- Mensalidade.....R\$ 10,00
- Matrícula.....R\$ 20,00
- Excursão para não sócios....R\$ 20,00

O pagamento de 12 mensalidades antecipadas dá o direito a uma de cortesia.

Pagamento de Mensalidades

Calendário Ecológico	
Novembro	Dezembro
24 – Dia do Rio 30 – Dia do Estatuto da Terra	21 – Início do Verão
Boletim Informativo do GEAN Diagramação: Fátima Chaves Revisão: Santiago	Capa: Grupo de geanistas na represa do Abrigo Rebouças – Parte Alta do PNI

Abrigo Rebouças - ½ Travessia do Couto e Elevação Norte Rebouças
03 e 04/10/09 (Fátima Chaves)

Nos dias 3 e 4 de outubro, após várias tentativas de reserva, finalmente conseguimos o Abrigo Rebouças para um final de semana. Infelizmente, talvez por medo das previsões do tempo ou falta de tempo - muitos de nossos sócios estão terminando a faculdade este ano - poucos puderam aproveitar a oportunidade. Mas, com certeza, o Carlos Zikan, seu neto Hannan, Zé Roberto, Murilo, Santiago e eu tivemos um excelente final de semana, com direito a banho de chuva e a deliciosa oportunidade de ver o Zikan demonstrando seus dotes culinários... Imperdível!!! Ah, e teve também as invenções do Zé Roberto que provocaram boas gargalhadas.



Quanto aos passeios, no sábado fizemos a meia Travessia do Couto, novidade para a maioria, que ficou encantada com a Toca do Índio e a possibilidade de uma nova vista do Planalto.

No domingo fomos para a Elevação Norte do Rebouças, local de rara beleza, lagos, Amarílis floridas por toda parte, mas o que chamou a atenção mesmo foi a grande quantidade de “Flamenginhos” acasalando nas poças sobre as pedras. Foram tantas fotos que alguns aventaram a possibilidade da publicação de uma revista “saporótica”, imprópria para menores, é claro...



Na foto à direita o cume da Elevação Norte do Rebouças, nosso passeio de domingo. Este cume, ao que consta, não tem um nome; então em homenagem ao Santiago, nosso atual presidente, grande conhecedor e amante dos cantos e recantos do Planalto do Itatiaia, foi levantada a possibilidade de batiza-lo de “Santiaguito”. Se vai “pegar”, ou não, não sabemos, mas os participantes do passeio, que ficaram maravilhados com a beleza do local, aprovaram a idéia.

Pico do Itaguapé e Marinzinho – 06 e 07/09/09 (Fátima Chaves)

A convite do Zé Roberto e da Val o Santiago, Moisés, Lourença e eu, fomos conhecer o Pico do Itaguapé e o Marinzinho. No dia 6, não tivemos sorte, a chuva nos impediu de chegar ao cume do Itaguapé. No dia 7 o tempo melhorou e o Zé, Val, Moisés e Lourença foram até o cume do Marinzinho. Santiago e eu ficamos na Pedra Montada já que, devido as condições físicas não muito boas poderíamos atrasar o restante do grupo.

Nosso pernoite foi na Pousada de propriedade do conhecido montanhista Maeda.



Pedra Selada – 20/09/09



Mais uma vez a atividade foi Pedra Selada. Desta vez, guiados pelo Agenor, subiram até o cume os geanistas Sô Eduardo, Moisés, Lourença, Eduardo Udine e, também o Alex e Luis Eduardo, filhos do Udine e mais o Dionathan, amigo do Moisés. Como sempre todos aproveitaram muito o passeio e também as estórias do Sr. Alcebiades. Temos que programar uma subida em noite de lua cheia para tirar a tal “foto segurando a lua” de que ele tanto fala.

Cachoeira da Fragária – 27/09/09 (Fátima Chaves)



Neste dia deveríamos estar em Ibitipoca, mas como não houve quorum fomos - Santiago, Moisés, Lourença, Dionathan e eu – até a Cachoeira da Fragária que fica no Bairro da Fragária, Itamonte. A cachoeira é bastante alta e está a 1350m de altitude. Para se chegar até ao pé da cachoeira faz-se uma caminhada de mais ou menos 30 minutos. Bem... isso se a trilha estivesse em boas condições, porém devido às chuvas a parte da trilha que fica na mata estava péssima e foi entre tombos e escorregões que conseguimos chegar. Mas valeu a pena, é uma bela cachoeira. Depois, aproveitando que ainda era cedo fomos fazer uma exploração pelos lados do Garrafão, uma futura meta.

Fala Presidente

Chegamos ao último boletim do ano de 2009. Desejo que fique registrado um agradecimento todo especial à nossa Secretária, a Fátima, pela dedicação e cuidado com que se ocupa da preparação do boletim, sempre procurando aprimorá-lo e incrementá-lo. Obrigado Fátima.

Destaco nesta edição a palestra proferida pelo geanista Gil Duque e o churrasco comemorativo da passagem dos 47 anos de fundação do GEAN.

A palestra do Gil, abordando o tema “Montanhismo – Mito e Realização” reuniu cerca de 60 pessoas, entre geanistas e amigos do GEAN. Nossos agradecimentos ao Gil, que com esta palestra abrilhantou o transcurso do aniversário do GEAN.

Na última página temos retratados alguns dos momentos do nosso churrasco que, mesmo não contando com uma significativa presença dos associados, se caracterizou por uma excelente confraternização entre os que prestigiaram o GEAN com suas presenças.

Por fim, vale ressaltar que apesar do período que passou não ter sido muito produtivo em virtude das condições climáticas, alguma coisa conseguimos fazer, conforme pode ser constatado pela leitura do boletim.

No que se refere ao cotidiano no Parque Nacional do Itatiaia (PNI), é bom reiterar que a estrada está fechada ao trânsito de veículos no trecho entre o Posto Marcão e o Abrigo Rebouças, em virtude do sapo “flamenguinho”. Outro dado é o de que a Pousada Alsene está fechada e, assim, não há local para acampar lá perto do Planalto.

Até a próxima edição do boletim

Santiago (Edson F. Santiago)



Palestra – Montanhismo: Mito e Realização

Expediente na sede do GEAN

Informamos que a partir deste mês de novembro não mais estaremos fazendo expediente na sede, às quartas-feiras. Não temos previsão de quando iremos retornar com este expediente.

Assim, todos os assuntos administrativos deverão ser resolvidos durante as reuniões gerais, na primeira e terceira sexta-feira do mês. Em caso de dúvida de data, ver nossa programação.

PRÓXIMAS ATIVIDADES

Data	Atividade	Tipo	Guia
06/11/09 Sexta-feira	Reunião Geral	-	-
08/11/09 Domingo	Pedra do Picu Itamonte/MG	Caminhada	Fátima
14/11/09 Sábado	Bosque das Paredes Ocultas	Escaladas Diversas	Hamilton
20/11/09 Sexta-feira	Reunião Geral	-	-
22/11/09 Domingo	Prateleiras – Via Sul	Escalada I Sup	Agenor
04/12/09 Sexta-feira	Reunião Geral	-	-
06/12/09 Domingo	Paredão Amizade	Escalada 3 IV	Agenor
06/12/09 Domingo	Abrigo Massena	Caminhada	Eduardo
18/12/09 Sexta-feira	Reunião Geral Confraternização Natalina	-	-
20/12/09 Domingo	Pedra Furada	Caminhada	Agenor
08/01/10 Sexta-feira	Reunião Geral	-	-
10/01/10 Domingo	Paredão Carolina	Escalada	2 III
10/01/10 Domingo	½ Travessia do Couto	Caminhada	Fátima

Obs: Mais informações sobre nossas atividades podem ser obtidas pelos contatos abaixo; pelo e-mail grupogean@yahoo.com.br ou no site www.grupogean.com

- Santiago: (24) 3355 4982 – (24) 9831 3236 ou efsantiago@superonda.com.br
- Igor/Júlio Spanner: (24) 3352 6518 ou mamakin73@bol.com.br
- Fátima: (24) 8117 3279 ou fatima@superonda.com.br
- Agenor: (24) 2109 2745

ATENÇÃO PARA AS DATAS DAS REUNIÕES GERAIS !!!**Programação Extra**

Para os meses de novembro e dezembro estamos planejando algumas atividades extras, dentre as quais Praia do Sono em Trindade e Ilha Grande. Estas atividades poderão coincidir com alguma programação oficial. Na oportunidade informaremos por e-mail. Fiquem atentos!

tipo, à vista, e com cordadas de três, pois dessa vez a culpa foi inteiramente do Márcio! E bem feito para nós por toparmos qualquer parada!

Depois dessa noite interminável, começa a nascer o sol. Foi fantástico! Está certo que estávamos tão cansados e doloridos que mal conseguíamos bater fotos, mas o nascer-do-sol lá de cima é maravilhoso! Impossível descrever.

Sem perder muito tempo começamos a procurar os grampos da descida, os quais encontramos rapidamente com a luz do dia. Ficamos meio ressabiados, porque o Fábio nos contou a história de uma dupla que foi descer pela Sylvio Mendes e acabou caindo na via do lado, de nome Os Intocáveis. Ficaram em maus lençóis e foram resgatados pelos lendários Sérgio Tartari e Sérgio Poyares.

Às 6h30min, iniciei o primeiro rapel e logo consegui localizar a próxima parada dupla. Antes de iniciar cada lance de rapel, olhava o croqui e ia identificando os grampos da via durante a descida. E assim fomos descendo... Depois de sei lá quantos rapéis atingimos a P2 da Sylvio Mendes, antes de fazer a caminhada em horizontal para a esquerda por dentro da mata. Estávamos todos com sono, cansados, moidos, mas estávamos todos bem e felizes. Vimos que a decisão de bivacar no cume foi a mais prudente e correta. Seria realmente muito arriscado e perigoso fazer mais de 10 rapéis, alguns em diagonal, por entre paredes fendas e chaminés, no escuro, sem conhecer a via, sem nunca ter estado lá.

Caminhamos um pouco e fizemos o último rapel, chegando ao colo entre o Capacete e o Pico Maior. Era uma segunda-feira linda e maravilhosa. Aquelas paredes imensas pareciam brilhar com o sol. Descemos a trilha igual um foguete direto para o acampamento, aonde chegamos por volta das 10h30min. Tomamos um banho geladíssimo, o que nos deixou praticamente novos. O Paulo Mascarin, dono do abrigo, aguardou até nos avistar no último rapel de descida para seguir para o RJ. Agradecemos imensamente sua atenção e preocupação.

Juntamos nossas coisas e partimos de volta para Resende, afinal, somos meros trabalhadores assalariados e não podemos nos dar ao luxo de faltar ao serviço em plena segunda-feira. Cada um já ensaiava o que ia dizer para o respectivo chefe. Mas uma coisa ainda nos incomodava... Estávamos simplesmente desesperados de fome, de modo que por volta das 13h ou 14h (nem me lembro mais direito), paramos em um pequeno restaurante no vilarejo de Bonsucesso (ou seria bairro? ou distrito?) e simplesmente comemos feito 5 animais selvagens famintos após a época da seca na floresta. E rimos muito da nossa empreitada. Ficamos repassando cada momento da escalada, da noite em claro e no frio, dos rapéis... Lembramos tudo. Foi muito bom!

Bem, eu não tenho a menor ideia de como a Tia Fátima vai colocar esse relato de 4 folhas no Boletim do GEAN, mas uma escalada dessa magnitude, a primeira excursão oficial do GEAN para a região de Salinas, merece ser apresentada em detalhes para os companheiros geanistas e montanhistas.

Se eu tivesse que resumir a excursão eu encheria o peito e diria: “FOI ...! ... EM TODOS OS SENTIDOS!”. E foi mesmo, foi a escalada mais difícil e mais longa que já fiz. Aquela montanha é fantástica, e o local é também especial. O pouco de frio que passamos durante o bivaque no topo não foi nada perto da coisa maravilhosa que é subir aquelas paredes e contemplar a vida e a beleza das montanhas. E de quebra, ainda tivemos a honra de dividir alguns metros de cordada com o lendário Alexandre Portela, que ficou durante grande parte de nossa escalada pendurado em alguns tetos à esquerda da via Leste. Obrigado pelas setas estratégicas, Portela!

Não posso deixar de registrar e agradecer a companhia dos parceiros de escalada e geanistas Fábio, Márcio e Rogério, que são feras das montanhas e mandaram muito bem! Amigos, essa escalada vai ficar na nossa memória! Vocês são feras! E ainda o grande prazer que foi estar mais uma vez escalando uma via dessa dificuldade junto com meu pai, já com seus quase 60 anos, e que acompanhou a gente igual a um jovem. Como dissemos na excursão, o “tiozinho da touca” marcou presença no cume do Pico Maior. É isso aí. Galera, foi demais, FOI ...! !

ganharmos tempo. A verdade é que já estávamos escalando há mais de 7 horas, e o cansaço batia forte em todos nós.

Chegamos e paramos todos na entrada da segunda chaminé. Comemos uns chocolates, bebemos um pouco de água, tudo muito rápido, pois sabíamos que o tempo estava contra nós agora também. Depois dessa breve parada para alimentação, passei a me sentir bem melhor.

Na segunda chaminé entrei guiando novamente. É um lance exposto, mas tranquilo se a pessoa estiver acostumada com chaminés. Em seguida veio o Márcio. Içamos todas as mochilas e o Fábio subiu. Enquanto o Márcio fazia a segurança para o Júlio e o Rogério subirem a chaminé, o Fábio fez minha segurança para eu passar o artificial, que pode ser feito em livre com graduação de VIsup. Mas, para mim, depois de torrar no sol durante horas naquela parede, qualquer lance já ia me parecer um décimo grau. Era tamanha a vontade de chegar ao cume que eu entrei no artificial com umas 3 costuras apenas. Ia clipando minha ancoragem nas chapas, velhas e finas, e trocando com uma outra corda solteira que clipava na próxima chapa. Quando cheguei lá pela quinta ou sexta chapa, o Fábio me perguntou se eu tinha levado mais costuras... Aí que eu percebi que não... Como não tinha mesmo o que fazer, toquei pra cima e cheguei ao platô da próxima parada. O Fábio veio em seguida e costurou todas as chapas para o restante do grupo subir sem a possibilidade de pendular em caso de queda.

Na parada após o artificial, ventava forte e muito frio. Assim que o Márcio chegou, toquei pra cima, entrando na diagonal e horizontal para a esquerda. Era tanta vontade de chegar logo no cume e sair daquele vento gelado, que nem vi como eu passei nesse lance. Só sei que toquei até a antepenúltima parada e montei a segurança para o Márcio subir, pois ele também já estava detonado. Em seguida veio o Rogério e, mal ele chegou, eu já segui outra diagonal, agora para direita.

Como já estava quase escurecendo, não encontrei a última parada dupla, praticamente no topo. Dei segurança mesmo de corpo para o Márcio e falei para ele passar direto por mim e ir até o topo. Acho que de tão cansado, o Márcio me perguntou o que ele iria fazer no topo. Alguns minutos depois veio o Rogério, e o Júlio em mais uma cordada e o Fábio arrastando o tinha ficado para trás. Chegamos finalmente ao topo com o sol acabando de se pôr... E a noite chegando... Eram quase 18h. Foram doze horas de escalada tradicional.

Bem, como já estava escuro mesmo, o Fábio sugeriu que lanchássemos e que descansássemos. Afinal, mais escuro não ia ficar mesmo... Colocamos nossos anoraques, *headlamps*, arrumamos nossas coisas e olhamos um para a cara do outro e pensamos em coro: “anoiteceu”.

Tentamos localizar a via Sylvio Mendes para descer, mas só identificamos alguns totens, sem, contudo encontrar o primeiro grampo. Mas, parando e refletindo um pouco, julgamos que a atitude mais prudente e segura seria pernoitar no cume mesmo. Disse ao Fábio que mesmo que encontrássemos os primeiros grampos, o que seria de nós se, por algum motivo, não encontrássemos os seguintes? Ele concordou comigo e chegamos à conclusão de que melhor do que se arriscar nessa descida, com a possibilidade de ficarmos pendurados em alguma parede, seria passar a noite no cume mesmo. E foi o que fizemos...

Retornamos para a região central do cume onde o Márcio, o Júlio e o Rogério já tinham arrumado uma grutinha para bivacarmos. Estava começando a esfriar bastante e ventava muito lá em cima, mas a noite estava linda. A vista de lá também estava espetacular, com o céu limpo e estrelado.

Por volta das 22h, vimos o último pessoal que desceu do Pico Maior (uma cordada que chegou ao topo cerca de uma hora e meia antes da gente e que subiu por outra via) descer pela trilha do Capacete. Suas *headlamps* pareciam dois vagalumes na trilha. O frio era intenso e não dava para ficar muito tempo fora da grutinha. Encurtando um pouco mais essa parte do nosso bivaque, essa deve ter sido a maior noite de toda a eternidade, pois a hora não passava de forma alguma. Passamos um perrenguezinho básico. Quando ventava, a coisa ficava mais feia. Dormir estava difícil, sair da gruta era ruim por causa do vento frio. Ficamos lá jogando conversa fora e rindo da nossa própria desgraça, imaginando quem seria o autor da próxima ideia doida de entrar em vias desse

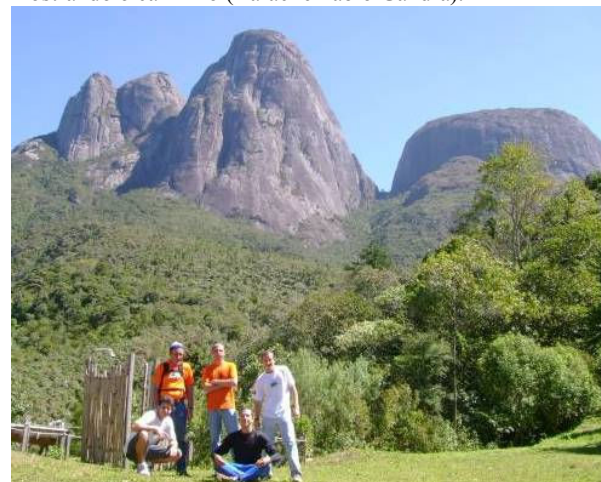
Pico Maior dos Três Picos (Nova Friburgo/Salinas) – Via Leste – 30/08/2009 – Igor Spanner

E lá fomos nós de novo... Lembro direitinho como começou toda essa história de encarar a famosa e tradicionalíssima via Leste do Pico Maior, dos Três Picos, na região de Salinas, em Nova Friburgo/RJ.

Foi em uma excursão do ano passado, acho que na Agulha do Diabo ou no Dedo de Deus, que o Márcio veio com uma história de que a gente tinha que fazer a via Leste do Pico Maior, porque a via era clássica, e Salinas era “a Meca” dos montanhistas, e que não podíamos ficar sem escalar essa via, etc. Logicamente, a gente imediatamente concordou e disse que, em 2009, esse seria o nosso projeto: entrar na via Leste. Só que, até então, eu não tinha a menor ideia de que via era essa, nem como era e nem onde ficava. Mas concordamos em ir. Isso é o que dá adotar a política do “topo qualquer parada”.

Alguns meses depois, fui pesquisar na internet algumas informações acerca da tão famosa via Leste. Aí caiu a ficha (mas ainda ficou um pouco presa... ela só acabou de cair mesmo foi no dia da escalada, quando entramos na via). A via Leste não é uma simples via, trata-se de um “Big Wall” com uns 700 metros de parede, tendo sido considerada essa via, por muito anos, a maior via de escalada do Brasil. Bem, acho que assim ficou explicado de onde surgiu e de quem partiu essa ideia doida de entrar na via Leste.

E começamos a preparar a nossa investida à Leste em junho, quando marcamos a data e começamos a procurar um guia. A ideia era ir com um guia que conhecesse a via de escalada, pois vários amigos montanhistas e membros de outros clubes já haviam dito que é bem fácil “se perder na parede” quando se escala a via Leste, além de ser bem fácil também se perder nos ‘trocentos’ rapéis da volta. Pois bem, o Santiago entrou em contato com o pessoal do Clube Excursionista Carioca, eu entrei em contato com o Waldecy, do CERJ, e Fábio Gandra contactou uns amigos lá de Friburgo que conheciam bem a via. O pessoal do Carioca estava viabilizando uma dupla para nos guiar lá, quando o Fábio Gandra nos trouxe a notícia de que o amigo dele, Rafael Sardinha, seria nosso guia na escalada. “Fechou então”, pensamos. Estava tudo certo: guia confirmado, alojamento já escolhido, previsão de tempo melhorando a cada dia, e participantes prontos para escalar. Seríamos duas cordadas participantes (Igor e Márcio; Rogério e Júlio) mais a cordada guia na frente mostrando o caminho (Rafael e Fábio Gandra).



É, teria sido assim... Simples. Mas na montanha sempre vale aquele velho ditado: “se podemos dificultar, para que facilitar?”. Na quarta-feira, o Fábio me passa um recado no celular dizendo que o Rafael estava doente e que não tinha certeza se poderia guiar a gente na Leste. Nisso a previsão do tempo estava perfeita. Falei com o Fábio na quinta, e nada do Rafael melhorar...

Chegou sexta-feira. Vamos, não vamos? Resolvemos ir... Na sexta, ainda peguei umas dicas preciosas com o Waldecy e com o Rafael Villaça, mas a ficha agora

sim começava a desenroscar e cair de verdade: a vontade de ir era tanta que íamos entrar, à vista, na Leste mesmo.

E fomos... Saímos às 8h de sábado de Resende, eu, Júlio, Rogério e Fábio com destino a Volta Redonda, onde nos encontraríamos com o Márcio e seguiríamos apenas em um carro. Por volta das 9h30min, saímos de Volta Redonda. Seguimos até o restaurante Paraíso da Serra (aquele próximo à Santinha do Dedo de Deus), onde paramos para almoçar, por volta do meio dia. Comemos muito, muito mesmo, e seguimos viagem para Salinas. Tentamos não perder tempo, porque queríamos chegar ainda de dia para fazer um reconhecimento da trilha até a base da via, seguindo as recomendações do pessoal que já tinha feito essa escalada.

E passa povoado aqui, vilarejo ali, pega estrada de chão, sobe barranco acolá... Chegamos, finalmente, por volta das 16h, ao abrigo “República 3 Picos”, do Paulo Mascarin, o abrigo que fica mais próximo da base das montanhas. E realmente o local é fantástico. São paredes gigantescas de rocha e muitos picos para se subir. Realmente monstruosos os Três Picos e o Capacete ao lado.

Rapidamente descarregamos as coisas e identificamos todo o traçado da via, acompanhando o croqui do Guia da Região dos Três Picos, do Sérgio Tartari. O Júlio e o Márcio ficaram organizando as coisas no acampamento do abrigo enquanto eu, Fábio e Rogério fomos rapidamente fazer o reconhecimento da trilha, evitando atrasos e erros no dia seguinte, pois a caminhada até a base da montanha seria feita ainda de madrugada no dia seguinte.

Iniciamos a trilha às 16h45 e chegamos, sem maiores dificuldades, às 17h20 minutos na base da escalada. Fomos o mais rápido que conseguimos para aproveitar a luz do dia ainda. A ficha então caiu mais um pouquinho... A via é realmente muito grande. Já vi que teríamos muito trabalho no dia seguinte, uma vez que essa seria a primeira escalada em “Big Wall” de todos os participantes... Mas, como nessa vida, para tudo sempre há uma primeira vez, lá fomos nós.



Rapidamente, voltamos ao acampamento, aonde chegamos às 17h45min, e tomamos um banho gelado, mais tão gelado, que chegou a doer a cabeça e todas as articulações do corpo de tanto frio. Parecia mais uma ducha de granizo que de água. Mas ficamos limpos!

Fizemos um lanche reforçado e passamos a coletar mais dicas com o pessoal que estava por lá e já conhecia ou tinha acabado de fazer a via Leste. Alguns retornavam da montanha por volta das 19h30min. A nossa maior preocupação, por incrível que pareça, nem era com a escalada em si, com a subida propriamente dita, mas sim com a descida, que é feita somente por rapéis em paredes, fendas e até chaminés. Muitos relatos na internet alertavam sobre a dificuldade de se localizar os grampos da via mais usual de descida (a via Sylvio Mendes), principalmente se for feita à noite.

Começamos nossa concentração para a escalada: Fabio e Rogério trataram logo de ir para a barraca descansar; Márcio e Júlio ficaram com o pessoal que estava por lá, dentro do abrigo, contando e ouvindo muitas histórias de montanha; e eu fiquei do lado de fora apenas contemplando a beleza e serenidade do local. O céu estava absolutamente fantástico, totalmente limpo e estrelado, e fazia um frio considerável, mas purificador ao mesmo tempo.

Quando o Júlio e o Márcio saíram, por volta das 20h30min, fomos todos dormir, porque havíamos combinado de tocar a alvorada às 4h do dia seguinte, para percorrer a trilha ainda à noite e iniciarmos a escalada com os primeiros raios de sol, conforme a orientação do pessoal montanhista. E assim fizemos...

Acordamos, pegamos as mochilas, já preparadas no dia anterior, e, às 4h30min rumamos para a base da via, aonde chegamos às 5h20min. Começamos a nos equipar e organizamos as cordadas: Igor e Márcio seguiriam na frente, identificando o traçado da via, e Fábio, Rogério e Júlio viriam em seguida. Nos primeiros raios de sol, às 6h, iniciamos a escalada. E que escalada! Para quem não conhece a via, trata-se de uma parede de praticamente 700 metros de pura rocha, com todos os tipos de lances de escalada, inclusive duas chaminés, que muita gente considera estranhas. No meu caso as chaminés não me preocupavam nem um pouco. O grau de exposição é um E3 clássico, com as proteções bem distantes umas das outras.

Entreí guiando o mais rápido que podia, pois todos estávamos encucados era com a volta e como achar os rapéis numa eventual e possível descida noturna. Afinal, resolvemos entrar com duas cordadas na via, sendo que uma era de três participantes. A maioria dos montanistas iria dizer que isso é ‘doidera’ (e o pior é que é mesmo!) As nove primeiras enfiadas são uma série de lances de III e IV graus, em agarras e aderências, nem tão difíceis, mas que requerem cuidado nas passagens, principalmente pelas distâncias entre as proteções. Enquanto subíamos, a ficha ia caindo mais um pouco... Já tínhamos escalado por cerca de duas e meia e parecia que nem tínhamos saído do chão, porque sempre que olhávamos para cima ainda tinha muita rocha para subir.

De repente, eu já estava quase na P4 (parada 4), e via o pai fechando a última cordada lá embaixo, o Márcio logo antes de mim, Fábio e Rogério mais abaixo, praticamente todos à francesa, quando aparece uma nova dupla iniciando a escalada. Só que eles começaram a subir e, para não nos atrapalhar, creio eu, em alguns trechos saíram do traçado original da via. Só que subiam com uma velocidade e uma facilidade incrível. Pensei comigo: “esses dois são ...!”. Aquilo que eu demorei 2 horas para subir, eles subiram em uns 40 ou 50 minutos. E o mais incrível e bonito de se ver é que o guia dessa dupla parecia subir andando os lances de IV em aderência e agarras. Suas mãos serviam apenas para equilibrar. O cara parecia flutuar. Eu realmente fiquei impressionado. Assim, rapidamente ele chegou até mim. Conversamos rápido e ele me disse que estava passando pela Leste para ganhar tempo, pois estava indo com seu parceiro para o setor dos tetos, mais à esquerda, para tentar acabar uma conquista que havia iniciado no ano de 2001. Tratava-se da via identificada com X1, no livro do Tartari. Ele me passou orientações e seguiu praticamente andando pelos lances acima.

Na P4, o Fábio, que puxava a segunda cordada, chegou até mim e então me disse: “Igor, viu quem passou por nós? Esse aí é o Alexandre Portela!”. Aí entendi o porquê da facilidade dele para “andar” naquela parede. Foi realmente uma honra encontrar uma das lendas vivas do montanhismo brasileiro, ainda mais numa via clássica como a Leste.

Conforme o Portela nos alertou, continuei guiando o mais rápido que podia, pois estávamos em 5 pessoas na Leste, e segui tocando para cima. Passei em dois pontos cruciais da via, onde normalmente os escaladores acabam errando o caminho, mas, para minha surpresa, havia duas setinhas indicativas feitas com magnésio. Foi o Portela que deixou o caminho indicado para a gente.

Chegamos então no bloco, na base da primeira chaminé da via, e logo em seguida a segunda cordada se juntou a nós. Um dos lances mais legais da via é exatamente sair do meio dessa chaminé e fazer a horizontal para a esquerda para se chegar à P9. Um lance simples, mas de domínio, e também é “bem aéreo”, como se diz na linguagem montanhista. Na P9, comeci a puxar as mochilas, e meu braço direito já deu uma reclamada. Resolvi chamar o Fábio para ele então guiar o próximo lance, que era um V grau em diagonal. Ele passou, e eu dei segurança para ele. Aproveitou e utilizou umas peças móveis em umas fendas, conforme orientação do pessoal no dia anterior. Em seguida, o Márcio passou e seguiu atrás do Fábio. Nesse trecho da P9 até a P11, o Fábio guiou, e nós ficamos meio que em uma cordada única de 5 pessoas, meio embotados, a fim de